

SUBJETIVIDADE E AGÊNCIA ENTRE MULHERES EVANGÉLICAS -

Considerações breves sobre sexualidade e gênero sob a perspectiva religiosa.¹

Magnólia Oliveira de Almeida Santos – PPGAS/MN – UFRJ

Resumo: este trabalho pretende abordar os atravessamentos entre sexualidade e religião, relações/conflito de gênero e poder na construção da subjetividade das mulheres no âmbito religioso, sua teia de afinidades e contrastes, os reflexos sociais e as condutas através da análise de dois casos – o consumo de sextoys por evangélicas num bairro da periferia fluminense e a busca pela afirmação da autoridade pastoral feminina a partir das estratégias utilizadas pela esposa de um pastor - considerando moralidade e reputação como fio condutor.

Palavras-chave: sexualidade – religião – moralidade

Introdução

O presente texto trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado em andamento que analisa os atravessamentos entre sexualidade e religião e seu emaranhado de significados simbólicos entre evangélicos no município da Freguesia, na Baixada Fluminense. Foi estudando o comportamento de classes de adultos durante a EBD no decorrer de uma programação especial numa igreja batista que uma encruzilhada de questões interseccionou o interesse de investigação.

Numa igreja batista da Freguesia estava prevista uma programação especial para as famílias daquela congregação. A igreja é uma edificação modesta, composta por duzentos membros quase todos possuem algum grau de parentesco. O prédio e o espaço físico da propriedade não ofereciam na ocasião acomodação necessária para as classes da escola bíblica dominical que eram divididas por faixa etária até a classe formadas por jovens. As classes de adultos e idosos possuíam uma divisão por idade e gênero que dificultava a acomodação de todos os frequentadores. Eram 8 classes ao todo e 3 delas,

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

uma formada por mulheres adultas, outra por mulheres idosas e uma terceira classe mista formada por homens adultos e idosos.

A ocasião festiva seria um estratagema da coordenadoria de ensino religioso para formalizar uma divisão apenas por idade e solucionar o problema relacionado ao espaço, as salas disponíveis seriam suficientes, de acordo com essa nova configuração. Era pretensão do evento experimentar unir as classes adultas tornando-as mescladas, - havia resistência quanto a essa novidade, houve tentativa anterior de convencimento sem sucesso - e realizar o mesmo com a classe idosa, uma vez que estas classes utilizavam o mesmo tipo de literatura para seus estudos bíblicos e não havia salas de aula para todos, havia classe funcionando no interior do templo, o que deve representar inadequação para quem leciona e/ou aprende.

“Até quando isso vai durar?”

A experimentação deveria durar o mês da festividade, podendo se estender e/ou se efetivar a depender da aceitação. Mas, as queixas a coordenação da escola bíblica começaram: as professoras questionavam se conseguiriam se comunicar com as classes mistas, se conseguiriam “lecionar para os homens”, os/as alunos/as externavam a preocupação em serem aceitos pelos “novos”. A classe adulta, a partir dos 36 até os 59 anos de idade, formada por maioria de mulheres, causava nos homens dessa faixa de idade perceptível desconforto. Os poucos que ousaram frequentar a classe o faziam acompanhados de suas esposas.

Com o passar das semanas, além da constante consulta quanto ao fim da atividade, notou-se uma evasão dos alunos que não se sentiam à vontade usufruindo do mesmo espaço. Houve mudança do comportamento em sala, segundo relatado pelos professores a coordenação, as idosas se mostraram retraídas nas aulas e havia uma divisão em sala, as mulheres todas juntas de um lado e os homens do outro (!). Interessante notar que, estas mesmas pessoas não reproduziam tal comportamento quando se reuniam no templo para os cultos realizados logo a seguir. Pôde-se observar que, mais do que o apreço por determinadas convivências ou o desconforto que qualquer tipo de mudança possa provocar no primeiro momento, esteve presente uma “tensão” de gênero, onde os comportamentos são ordenados pelo estabelecimento de setores específicos que pressupõe lugares e permanências pré-determinadas, uma relação hierárquica de poderes e saberes.

Essa pesquisa se interessou pela diferença, pela relação de hierarquia e como pôde estar refletida naquelas ações, na compreensão de si e do outro. Instigada por essa inquietação, foi realizada uma pesquisa via formulário online anônimo com pastores de igrejas batistas buscando responder como essas percepções são produzidas, reproduzidas ou reforçadas desde cima (?). Os líderes foram questionados a respeito de atribuições administrativas/eclesiásticas, relação de gênero e sexualidade. Analisando as falas/devoluções dos pastores, esse trabalho constatou a fundamental necessidade de recorrer a perspectiva feminina sobre as mesmas questões e tecer uma análise comparativa, para isto realizou-se contato com uma pastora da Assembleia de Deus, que dirige junto com o marido um ponto de pregação instalado no terraço da residência deles. Convém assinalar que as igrejas batistas, as quais os pastores foram o público pesquisado, não possuíam o cargo/ministério pastoral feminino em suas congregações e alguns rejeitam essa hipótese.

Inicialmente, intencionava-se disponibilizar um questionário similar e solicitar que a interlocutora o compartilhasse em grupos exclusivos de pastoras, se acaso houvesse, contudo, essa pesquisa redirecionou a abordagem para um estudo de caso da pastora Rosa², em que são acionados por ela os dispositivos de agência e resistência para o ocupação de espaço de poder na igreja na qual é membro. O segundo caso analisa como determinados códigos podem ser reinterpretados, negociados gerando a produção de nova lógica cotidiana onde mulheres consomem e comercializam produtos eróticos num salão de beleza num loteamento periférico. Foram realizados contatos via aplicativo de mensagens e entrevistas semiestruturadas nas duas situações.

Caso 1: a trajetória da pastora Rosa e o “agir de Deus”.

Ao iniciar a conversa com a pastora informando a intenção da entrevista e o propósito, ela relata sua movimentada rotina modificada pela: alegria de cursar uma graduação em pedagogia iniciado recentemente aliado ao cansaço do trabalho – Rosa é uma mulher negra de mais de 40 anos, casada com um mestre de obras e pastor evangélico, trabalha como diarista numa casa na capital do Estado - e das

² Os nomes próprios citados no texto são fictícios, assim como o nome da cidade fluminense.

responsabilidades que envolve a casa-igreja, ser mãe, avó, esposa e enfatiza o fato ser “esposa de pastor”, como uma categoria específica.

Rosa casou-se jovem, logo teve dois filhos, não havia concluído o ensino médio e após os trinta e pouco anos, com os filhos adolescentes retoma os estudos. O marido não foi contrário, mas não a incentivou. Dizia que se ela tivesse tempo para a família, para a igreja, para o trabalho e conseguisse estudar “por ele...” [estaria tudo bem]. Assim, Rosa matriculou-se numa escola pública noturna empolgada. Com o passar do tempo, tornou-se complexa a manutenção do equilíbrio de tantas atribuições, o esposo dizia para que abandonasse os estudos, “eu sabia que você não iria aguentar”, disse-lhe o marido.

Eram muitas as responsabilidades na igreja. Rosa é diarista, trabalha de três a quatro dias/semana e nos dias de folga do emprego, se disponibilizava para os trabalhos de evangelização, visitas, encontros de oração da igreja que frequentava. É uma líder destacada na sua comunidade de fé. Seu marido é filho, neto e irmão de pastores, assim como ela própria, aliado a isso, estão as responsabilidades/qualidades de esposa cristã obediente, submissa em constante busca por uma vida de santidade, ‘uma mulher que ora’. [Esse empenho deveria se reverter nas percepções externas: na igreja, ser reconhecida e com espaço de fala e de escuta.] Bem como ser mãe exemplar de filhos adolescentes igualmente exemplares por representarem uma “linhagem” de líderes reconhecidos na esfera municipal/denominacional.

O marido e a igreja cobravam a sua presença nas atividades religiosas - agora apaixonada pelos novos saberes e experiências, utilizando as “horas vagas” para fazer as atividades, estudar - Rosa fazia todo possível para atender as solicitações, até adoecer e nem assim deixou de comparecer a uma das provas bimestrais mesmo estando febril, conta orgulhosa de seu sacrifício. Essa circunstância gerou uma crise emocional/espiritual, estava por demais sobrecarregada. Rosa começa a sentir-se negligente em relação ao seu serviço cristão devido as cobranças, temia “desagradar a Deus”, pois já não podia lhe dedicar o tempo de outrora e em outros momentos sentia-se displicente como esposa, porque se seu o marido não fez oposição a retomada aos estudos, era flagrante sua má vontade e a total falta de intenção em cooperar em tarefas domésticas. “Eu não queria trazer contenda para o meu lar”, Rosa compreendia que os cuidados com o asseio e arrumação da casa eram atribuições majoritária ou exclusivamente suas e que não estava cumprindo o seu papel contribuindo para uma iminente instabilidade conjugal. Era importante que tanto a igreja quanto a vizinhança percebessem sua família como

harmônica, exemplar, que tivesse a imagem de boa esposa e mãe zelosa ou seria uma mulher sem sabedoria, o que poderia afetar a potencial “vida ministerial.”

As irmãs de Rosa testemunhas de tanto empenho e da iminente estafa se organizaram para ajudá-la. Eventualmente, uma delas faxinava sua casa, outra passava as roupas do cunhado, os ternos, as camisas sociais – o líder evangélico tem um “código de vestimenta” do qual fazem parte os trajes empertigados, visando guardar alguma proeminência, seletividade ou uma reverência ao cargo - uma terceira cuidava de “entreter” os sobrinhos durante as tardes, após a escola, nos dias em que Rosa estivesse trabalhando. Morava num bairro vizinho em frente a uma quadra esportiva, os meninos retornavam para casa após o jantar. Formaram em torno de Rosa uma rede de auxílios/cuidados sem que o seu esposo, cunhado delas, soubesse do apoio sistemático, pois seria uma evidência de que ela não estava dando conta de tantas atribuições e deveria parar de estudar.

Rosa conclui o ensino médio e deseja cursar teologia. Participa ao seu marido seu desejo, ele ri e debochou, ela chorou na ocasião. Decide pôr essa questão “diante de Deus” para que fosse “a vontade Dele a se cumprir”. Passado um tempo, retoma o assunto sobre “estudar teologia para melhor servir”, do esposo ouve que vai procurar saber onde tem o curso na cidade, qual igreja de mesma fé ofereceria – um cuidado a ser observado devido as diferenças doutrinárias de cada denominação - e principalmente se o valor das mensalidades era condizente com realidade financeira familiar. A resposta não vinha e essa informação era de domínio público porque, segundo ela, é assunto corriqueiro no âmbito religioso. Seu marido resiste a possibilidade, então ela inicia uma campanha primeiramente familiar, haja vista a “linhagem” que os precedia, Rosa empreende uma estratégia de convencimento: nos encontros familiares pedia orações e o motivo das mesmas era “a excelência no serviço a ser apresentado diante de Deus”, procedeu de igual forma na igreja, nos círculos de oração aos quais era figura constante e organizadora, pedia para todos orarem para que “Deus levantasse líderes preparados”, nos estudos bíblicos que apresentava alertava para necessidade de contextualização do ensino cristão “numa linguagem objetiva para este século”, assim fazia em toda oportunidade, repetidamente.

Até que entre os familiares [“de repente”] todos interrogam porque Elias, esposo de Rosa, não cursava teologia pois “pastor sabemos que é, aliás porque não foi ungido ainda?”. Na igreja ocorria o mesmo. Elias é um pregador/palestrante muito requisitado

para eventos e segundo Rosa, houve A ocasião em que: “todo mundo começou a falar mesma coisa, na família, na igreja... todo mundo falando a mesma coisa e quando iam cumprimentá-lo chamavam Elias de pastor. Era Deus falando, estava confirmando. Eu fico até arrepiada”.

E chegou o dia em que foram chamados pelo pastor presidente da comunidade evangélica da qual fazem parte, sondados que foram para trabalhar com o ministério da família, mas a igreja entendia ser necessário que se preparassem para assumir tal responsabilidade e financeira parte do curso deles em teologia. Rosa conta que a igreja pagou o curso de teologia para Elias, o dela eles pagaram juntos.

Concluído o curso, atualmente dirige o ponto de pregação. Importa ressaltar que comumente as Assembleias de Deus consagram/ungem um pastor por seu histórico familiar, sua trajetória, o seu “chamado”- vocação, missão, ministério - de Deus a seu escolhido e manifesto a igreja, cujas evidências podem ser verificadas pela dedicação, comprometimento, disponibilidade para o serviço cristão e a manifestação do Espírito Santo, desta forma, cursar teologia era importante para Rosa, confere prestígio e autoridade a ela.

O objetivo inicial de compartilhar o questionário é suspenso diante do entusiasmo da caloura de pedagogia que rapidamente relata alguns desafios do novo momento e como tenta coordenar o ministério que exerce com as demais atribuições e exigências, quando questionada sobre como é exercer essa liderança, sua fala sobre é as relações de confiança e fé. A pastora relata uma ocorrência passada quando um dos membros a procurou. O rapaz por volta dos 30 anos é casado, a esposa e as duas crianças frequentam a igreja. Na ocasião, ele pediu que a pastora estivesse orando pelo casal, que orasse pela saúde da esposa e começa a detalhar que a esposa está com um problema na “área íntima” que impossibilita que eles tenham relações sexuais já há algum tempo. Mas, que eles têm perseverado nas orações.

A pastora conta que ainda absorvia as informações e pensava no que dizer, quando o homem pede para que ela orasse pela saúde dele também, pois estava com uma ferida no pênis. Impactada e constrangida, chama o pastor para participar do que se transformou num atendimento, uma clínica pastoral. Após nova exposição do rapaz, que relata tais acontecimentos e afirma perceber que a “unção do Senhor” está sobre seus líderes, pede para que eles sejam seus parceiros de oração naquela “batalha”. A pastora responde:

“Estaremos intercedendo. Clamaremos ao Senhor. O que o médico disse sobre a enfermidade da sua esposa?” O rapaz silencia e parece decepcionado. “Pastora, eu tenho fé! Nós cremos no poder Deus acima de qualquer coisa!”, disse. O pastor intervém: “Nós também. E foi Ele quem fez os médicos para o nosso cuidado. Vamos marcar uma consulta”. O casal não havia procurado um serviço médico. Havia três anos esse casal não mantinha relações sexuais, o casal pastoral marcou as consultas médicas, diagnóstico da mulher: prolapso uterino; diagnóstico do rapaz: infecção por IST. Depois de relatar esse caso, a pastora Rosa complementa:

“Foram três anos sem ter uma vida conjugal como se deve e ele veio buscar ajuda dizendo do problema dela, estando ele próprio enfermo. Na verdade, acho que ele só nos procurou porque devia estar com muitas dores, se ele não tivesse nada, ela ainda sofreria sem atendimento mais um tempo.”

A trajetória de Rosa, a pastora e pedagoga em formação, parece transcender os horizontes impostos as mulheres num âmbito religioso que limita o alcance das ações e decisões, delega um lugar de subalternidade, silenciamento e invisibilidade. Rosa aciona dispositivos de agência e resistência que são decodificados pelas mulheres que a cerca. Veena Das (2011) vai dizer que não são as mulheres quem determinam completamente suas posições de sujeitos, sendo um todo complexo de construções e elaborações discursivas responsável pela ordenação de realidade de exclusão/segregação feminina. Rosa transpõe alguns obstáculos adotando estratégias, contornando as limitações.

Embora seja flagrante o cronograma de ações de convencimento encampado por Rosa, a compreensão de uma ação sobrenatural suplanta a percepção, foi ação de Deus. A igreja objetivava a implantação de um ministério da família dirigido por um casal e para isso escolheu Rosa e seu esposo contudo, pagou apenas o curso dele. Ainda que a comunidade externa e a igreja se refiram a Rosa como pastora e a reconheçam como uma líder espiritual, no banner de divulgação fixado na porta da garagem que serve de acesso ao espaço de culto, Rosa aparece ao lado marido identificada como missionária, uma atribuição muito importante e prestigiosa neste âmbito, todavia um patamar inferior.

Caso 2: a comercialização de produtos eróticos num salão de beleza

Buscando se proteger de julgamentos, mulheres da periferia compram sextoys vendidos num salão de beleza e negociam modos de conceber a sexualidade. O referido

salão, uma esmalteria como são chamados os espaços exclusivos para cuidado das unhas, está localizado num loteamento na periferia do município da Freguesia, na baixada fluminense, no estado Rio de Janeiro. O espaço acolhedor e pequeno da esmalteria conta com duas manicures e uma gerente no seu corpo de funcionárias. A decoração, a logomarca, tudo é coordenado nas cores e variações de branco, rosa e cinza. Os móveis, os eletro-portáteis tudo com a mesma paleta de cor. Daí, passa como que despercebido, logo na entrada do salão, na estante, os produtos dispostos para venda: sabonetes íntimos, óleos de massagens, bolinhas perfumadas, anéis penianos de silicone, pequenos vibradores e plugs anais. Todos esses produtos dividindo espaço com esmaltes, antimicóticos, hidratantes específicos para mãos e pés. Algumas embalagens dos produtos eróticos a venda simulavam as embalagens de medicamentos genéricos, as mesmas cores. Os produtos estão camuflados à vista.

O ambiente é climatizado, modestamente estruturado para atender ao que se destina, e mais do que oferecer os serviços contratados proporciona sociabilidade, estabelecimento de relações, compartilhamento de conhecimentos diversos e afetos, oportunidade de fala e escuta. As clientes invariavelmente relatam acontecimentos do cotidiano, expectativas, aflições: o desempenho dos filhos na escola, a alta dos preços dos produtos da cesta básica *“o café está pela hora da morte”*, as perspectivas em relação à política nacional *“alvo constante das orações”*, da mesma forma questões íntimas e emocionais compõem o repertório temático das conversações.

Sobre o loteamento onde está localizado, é flagrante quantidade de igrejas evangélicas, são muitas de variadas denominações, de todos os tamanhos. Templos com capacidade para 200 pessoas ou mais e pequenas igrejas nas casas, os pontos de pregação. Também há um número notável de templos de religiões de matriz africana, não observável, por exemplo, em bairros mais urbanizados/mais centrais do município.

Questionada sobre os produtos eróticos ali expostos, a gerente disse tratar-se de uma novidade, uma expansão dos negócios para atender as clientes. A pergunta gerou expectativa. Após a afirmação houve euforia entre as presentes. Muitas risadas. Era um sábado à tarde, duas clientes eram atendidas e duas outras aguardavam. A gerente vendo o interesse e o ânimo das clientes, permite o acesso aos produtos da estante. Muitos risos se seguem. A gerente vai até o balcão e demonstra mais produtos: lingerie sensuais, fantasias. As clientes se sentem à vontade para comentar suas experiências a partir da aquisição de determinado produto. Todas riem.

A conversa flui para compartilhamento das mais profundas intimidades. Questionadas sobre se os parceiros, maridos, namorados compram apetrechos similares, uma uníssonas negativa é ouvida como resposta.

Dada a diversidade dos produtos eróticos em relação ao segmento de mercado a que atende um salão de beleza, a gerente fundamenta sua explicação no cenário econômico subsequente a pandemia e a necessidade criar alternativas para ganho financeiro, “*sou uma empresária!*”, enfatiza.

As idas seguintes aquele espaço aliavam tanto o objetivo dos cuidados pessoais quanto a inquietação intelectual, assim nas oportunidades seguintes de retorno ao salão foram promovidas entrevistas questionando: se seguiam alguma religião; se sentiam constrangidas em falar sobre sexo; se poderiam contribuir neste trabalho; se as mulheres tem liberdade para viver e experienciar a sexualidade; se era igual aos homens; se mulheres e homens desejam ter relações sexuais da mesma forma; se são consumidoras de produtos eróticos e se consumir produtos eróticos conflita com a sua espiritualidade? Participaram das entrevistas as três funcionárias do espaço e dez mulheres da clientela, com as idades variando entre 21 e 59 anos. O referido salão também atende a homens, mas são poucos e durante as visitas, não estiveram presentes.

Quando perguntadas se seguiam uma religião, as presentes se declararam evangélicas, umas se dizendo “afastadas” – não estão inseridas em nenhuma comunidade de fé cristã de forma atuante -, duas das entrevistadas se disseram católicas. Bem próximo ao salão, há uma grande igreja católica onde eventualmente ocorrem missas em datas festivas, o funcionamento não é rotineiro.

Quanto ao consumo dos apetrechos sexuais comercializados no local, o maior interesse apresentado foi no óleo de massagem. Questionadas sobre o uso de vibradores e plugs, se a utilização era [para masturbação] individual, as respostas foram evasivas. Das que possuíam vibradores e/ou plugs anais, disseram utilizar nas relações com o parceiro/namorado/esposo. A concepção de sexualidade sob a perspectiva do ocidente reflete indícios da era vitoriana, segundo Foucault (1999), que secciona e limita os prazeres. Weber (1982) destaca que entre sexo e religião, a relação era íntima. O referido autor utiliza a palavra tensão ao abordar sexo e religião sob o prisma ocidental eivado dos conceitos judaico-cristãos.

Respondendo se as mulheres têm liberdade sexual, algumas respostas foram enfáticas “claro que tem!”, outras responderam apenas sim. Contudo, se comparado aos homens houve mudança na percepção, reconsiderações sobre os comportamentos criticados, todavia permitidos, até reforçados aos homens, contudo, condenáveis se desempenhados por mulheres e o debate girou em torno da moralidade, reputação e o lugar da “mulher sábia”, como a descrita nos provérbios de Salomão. O discurso cristão emerge como forma de padronizar um comportamento desejado. Se homens possuem mais desejo sexual que as mulheres, responderam que sim, “alguns estão sempre no cio”.

“O cristianismo é a religião da recusa ao prazer que produziu uma dupla moralidade para homens e para mulheres” (SCRIPTORIUM, 2020). Segundo Lana Lage, em palestra ao canal Scriptorium, é a partir de Santo Agostino que se funda a construção do pensamento misógino em que importa a internalização, a formação da mulher sempre culpada e “ameaçadora da continência sexual dos homens”, sendo o casamento um remédio para a luxúria assim como a compreensão da “sexualidade masculina como algo irrefreável” (SCRIPTORIUM, 2020), “Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se.” diz o apóstolo Paulo, na primeira epístola aos coríntios 7.9.

Aproveitando o curso inesperado da conversa a partir da menção do discurso religioso, o uso de produtos eróticos conflita com a sua espiritualidade? Outra resposta em coro e negativa. A gerente do salão emenda dizendo que as mulheres casadas que procuram tais aditivos estão cuidando do relacionamento do casal, as demais sinalizam com gestos de cabeça concordando, a gerente conclui “*então é de Deus!*”.

Considerações

Tanto a pastora quanto as clientes e as funcionárias do salão se preocupam ou primam pela aprovação particular e pública, para a pastora as qualidades de boa esposa, dedicada, de procedimento exemplar é tão importante quanto reconhecimento eclesial. Para as clientes, embora as aquisições de apetrechos eróticos sejam indicadoras de liberdade sexual e aparente autonomia sobre seus corpos e desejo, os usos revelam indícios de submissão e controle. Os entrelaçamentos de cultura, sexualidade e gênero produzem impactos diversos sobre as percepções, construção de discurso, práxis e subjetividades observáveis mais intensamente nas comunidades morais onde os

comportamentos seguem demarcações nítidas e a todo tempo são reforçados ou reprimidos.

Os jogos de força generificado para ocupação de espaços estratégicos de poder e autoridade e a ordenação/reorganização de realidade a partir da uso da astúcia para alcance de objetivos pessoais camuflados evidencia a compreensão de uma hierarquia masculina, o reconhecimento de restrições e a tentativa ruptura com determinadas instâncias de poder, ainda que aparentemente de forma inconsciente.

Por fim, a fala da gerente do salão de beleza: “*sou uma empresária!*” indica a atuação do capitalismo sobre uma economia moral, conforme Weber (2004). A gerente do salão identifica o seu público, apresenta um universo de consumo, possibilita o acesso fornecendo produtos de uma forma discreta e num espaço insuspeito que protege a identidade de quem os consome.

“O recato é o controle da sexualidade feminina. Um homem honesto é trabalhador, paga suas contas, cumpre os compromissos, se casado, bom provedor. A mulher honesta é a que tem um comportamento dentro dos padrões morais exigidos. A honestidade da mulher é pensada a partir do seu comportamento sexual.” (Scriptorium – IHT – UFF, 2020)

Há a produção uma *certa* ética cristã, em evidência especialmente quando emerge o discurso religioso, citando a “mulher sábia”, o provérbio 14.1 diz: “Toda mulher sábia edifica a sua casa; mas a tola a derruba com as próprias mãos” . Para aquelas mulheres a aquisição de produtos eróticos tem a ver com oferecer possibilidades de reforço de laços afetivos e desejo, manutenção do interesse dentro do casamento/relacionamento, mais ligado a dar prazer a seu marido/parceiro que propriamente ampliar ou intensificar explorando as possibilidades do próprio prazer e principalmente, elas não querem ser comparadas a “mulher tola”, a representação do fracasso, o apreço pela boa reputação ordena os comportamentos.

Referências bibliográficas:

BÍBLIA. Provérbios. Português. In: *Bíblia Sagrada*. NVI, 2020.

_____. Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios. In: *Bíblia Sagrada*. NVI, 2020.

DAS, Veena. Ato de testemunhar: violência de gênero e subjetividade. Cadernos Pagu, 2011

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*. Rio de Janeiro. Graal, 1999.

SCRIPTORIUM – IHT - UFF, “Sempre Culpada – O imaginário cristão sobre a sexualidade feminina”. Youtube, 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/BP8NYAgmvWw>. Acesso em: 25 de março de 2022.

WEBER, Max. Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções. In: *Ensaio de Sociologia*. Editora: LTC, 1982

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo. Companhia das letras, 2004.